

## TEXTO DE APOIO II – PERCURSO AR

### Prefira alternativas mais sustentáveis

Quando falamos em transporte, a primeira coisa que vem à nossa cabeça é o carro, certo? Será que esse meio de transporte é a única alternativa quando pensamos no transporte no Brasil?

E o que o transporte tem a ver com consumo consciente? Tudo! Tem a ver com poluição, com a qualidade de vida e com o bom uso dos espaços públicos, entre outros.

O que fazer então? O uso consciente de transporte não implica em não comprar um carro, implica em usá-lo com consciência de que é um meio de transporte muito poluidor e que causa enormes transtornos em termos da mobilidade coletiva, especialmente nas grandes cidades. Implica em usá-lo o mínimo possível, procurar opções individuais não motorizadas – a bicicleta, o skate ou ir a pé – e pressionar nossos governantes por soluções coletivas de qualidade – ágeis, confortáveis, bem distribuídas e baratas. Implica em pressionar por mais trens, mais metrô, mais ônibus e mais transporte público por barco.

O Brasil é um país hídrico. Milhares dos nossos municípios são cortados por rios. E qual o uso que fazemos desse importante recurso natural para o transporte? Não apenas o transporte intermunicipal, que é muito comum na Amazônia e precisaria ser estendido para todo o país, mas para o transporte urbano, dentro do município. Gastamos bilhões para fazer corredores de ônibus e metrô, quando temos corredores naturais à disposição, cujo uso seria muito mais barato que construir centenas de quilômetros em túneis subterrâneos. Isso ainda seria um incentivo para a preservação dos rios que ainda estão limpos e a recuperação dos que estão poluídos. Afinal, qual a relação que o consumidor tem com seus rios urbanos em geral aqui no Brasil? Usando-os como importante artéria de transporte, podemos despertar a atenção do cidadão, fazendo-o cuidar melhor do seu lixo, que, se descartado de maneira errada, pode parar nas galerias pluviais, que desembocam nos rios. E conscientizando-o a não instalar redes clandestinas de esgoto e mobilizando-o para fiscalizar outros cidadãos e o setor produtivo a fim de não destruir o rio, além de cobrar o setor público a fazer sua parte na urbanização, no saneamento e na conservação.

Em Helsinque, capital da Finlândia, com o bilhete único, o cidadão usa o metrô, os ônibus, os modernos bondes (que são metrô de superfície, menores que o metrô tradicional) e os barcos que interligam as ilhas do município. Por que não fazer o mesmo nos rios Beberibe e Capibaribe, no Recife (PE)? Ou no Tietê, em São Paulo (SP)? No Guaíba, em Porto Alegre (RS)? Nas baías Norte e

Sul em Florianópolis (SC)? No Madeira em Porto Velho (RO)? No Negro em Manaus (AM)? No Guajará em Belém (PA)? E em tantos outros pelas cidades brasileiras?

### **Um mar de carros**

Mas como o carro ainda é campeão como meio de transporte no Brasil, vamos entender melhor os impactos do uso do carro em nossas vidas?

Um levantamento da Associação Internacional dos Fabricantes de Veículos, com dados de 2011, mostra que o mundo produziu, só naquele ano, mais de 80 milhões de veículos, sem contar motos, caminhões, ônibus e tratores. E o Brasil foi o sétimo produtor mundial, com 3,4 milhões de veículos fabricados, atrás de China (18,4 milhões), EUA (8,6 milhões), Japão (8,4 milhões), Alemanha (6,3 milhões), Coreia do Sul (4,6 milhões) e Índia (3,9 milhões).

Projeções do governo e da indústria apontam que a produção brasileira deve dobrar até 2025. Mas será que conseguiremos produzir, abastecer e circular de carro pelas nossas cidades? Será que o planeta aguenta?

Vejam alguns impactos desse crescimento das frotas. Segundo a Universidade de São Paulo, cerca de 3.000 pessoas morrem por ano na cidade de São Paulo devido a complicações de saúde decorrentes da poluição do trânsito. Não há pesquisas para o Brasil todo, mas a poluição em São Paulo é mesmo impactante!

E você já imaginou os efeitos da poluição dos carros na sua cidade? Já pensou que lugar nenhum está imune?

Afinal, dos escapamentos dos motores saem poluentes – como monóxido de carbono, partículas em suspensão, hidrocarbonetos e enxofre – e o gás carbônico (CO<sub>2</sub>), que é inerte para a saúde, mas é o principal gás de efeito estufa que provoca o aquecimento global.

Ainda que achemos a solução para a equação da energia, que encontremos tecnologias novas e baratas de motores não poluentes para substituir os combustíveis de petróleo, nos resta a equação da matéria. A Terra é finita, e hoje já exploramos 50% a mais de recursos naturais renováveis que o planeta pode repor, como é o caso da água, do ar, das terras agricultáveis, e da absorção de resíduos da produção e do consumo.

E onde circularão todos esses carros? As “artérias” de transporte entopem, e as cidades estão “enfartando”. Além do problema direto da poluição, você já notou que nossos já tão mal tratados espaços públicos urbanos vêm se transformando em “estacionamentos a céu aberto”? Sim, há milhões de carros nas ruas, mas ninguém anda. Donos de carros, passageiros “enlatados” nos ônibus, pedestres, ciclistas e skatistas acirram uma disputa pelo uso do espaço público, cujo resultado é um perde-perde, afinal todos perdemos em saúde, horas no trânsito, tempo de trabalho, tempo de lazer, qualidade de vida... As cidades grandes (e também as médias) já mostram saturação.

Você já calculou quantas horas perde diariamente no trânsito? Quanto isso representa numa vida inteira? O Movimento Nossa São Paulo realizou a medição na cidade e descobriu que o paulistano que trabalha perde, em média, quase seis anos e dois meses de sua vida no trânsito. Isso mesmo: mais de seis anos no carro, ônibus, metrô ou trem! São duas horas e quarenta minutos por dia, 973 horas por ano, 53,5 mil horas ao longo da vida ou 74 meses, totalizando seis anos e dois meses.

Segundo a Fundação Getúlio Vargas (FGV), 10% do PIB do município é perdido todos os anos por causa do trânsito.

E depois de todas essas informações você pode se perguntar: o que eu posso fazer? Então fica uma sugestão: que tal se desafiar, e convencer pai, mãe e parentes a deixar o carro uma vez por semana em casa? Só para começar. Ou deixar o carro em casa para pequenas distâncias, como ir à padaria e à escola.

O trânsito de todas as cidades provavelmente ainda não é um caos como o dos grandes centros urbanos do país, mas, se nada for feito, quando será? Então lá vai mais um desafio: que tal começar a organizar na escola grupos de discussão sobre os problemas atuais e riscos futuros da mobilidade na sua cidade? E que tal organizar debates maiores com mais pessoas da comunidade e da cidade para pensar juntos possíveis soluções e alternativas que possam evitar os problemas? Então que tal pressionar as autoridades a prevenir os problemas, acelerar obras de transporte coletivo e criar inovações? Pense (e aja) nisso!